

TORNAR-SE NEGRO: uma leitura insolente do videoclipe Que bloco é esse Ilê Ayê

Deivison Moacir Cezar de Campos
Dr. Ciências da Comunicação
ULBRA

O presente estudo propõe uma leitura insolente do videoclipe *Que bloco é esse? Ilê Aiyê*, lançado em 2012. O vídeo, com direção de Ricardo Spencer e produção musical de Daniel Ganjaman e Duani, foi realizado dentro de um projeto que buscava maior retorno institucional para Petrobrás e mais visibilidade aos blocos afro tradicionais do carnaval baiano (TOURINHO, 2013).

Na narrativa, o rapper caminha num trajeto recriado no vídeo pelas ruas do bairro da Liberdade até o Curuzu, onde fica a sede do bloco; ou seja, conduz os espectadores do Centro Histórico de Salvador até o terreiro de Ilê. **O videoclipe aponta para a descoberta do bloco**, no entanto, numa leitura a partir do *duplo*, articulador da **leitura insolente** (CAMPOS, 2016), propõe-se que a caminhada do rapper o leva a um **território simbólico afro-brasileiro** no qual, após um ritual político-religioso, **descobre-se negro**.

A música do videoclipe sobrepõe versos escritos por Criolo aos da música da saída do Ilê Aiyê em 1975, que dá nome ao projeto, *Que bloco é esse?*, unindo os versos “Somo crioulo doido e somo bem legal” com “Eu so fio de preto”. A **presentificação da música**, assim como a caminhada ao território simbólico do Ilê Aiyê, sobrepõe o **duplo experiência e tradição** (CASTINIANO, 2010), produzindo um aqui-agora complexo que oferece elementos de identidade.

O *ritmo*, cuja matriz é marcada por um “mesmo mutante” (GILROY, 2007), apresenta-se então como o dinamizador desses processos temporais, da vida e, em última análise, aponta para dimensões de presença, pois é acionado e aciona o corpo negro, que é “um universo e uma singularidade: é a unidade mínima possível para qualquer aprendizagem. É a unidade máxima para qualquer experiência” (OLIVEIRA, 2004, p.11). No videoclipe, **não é Criolo que apresenta o Ilê Aiyê** e sim o rapper quem descobre pela experiência de presença “o mundo negro que viemos mostrar pra você.” A estratégia de *branded content* torna-se, numa leitura insolente, **uma metáfora do desafio e da caminhada de tornar-se negro**.

Referências

- CAMPOS, Deivison Moacir Cezar. **A insolência como modelo heurístico e como afecto das culturas negras**. XVI Fórum de Pesquisa Científica e Tecnológica. Universidade Luterana do Brasil. Canoas, 2016. Disponível em <http://www.conferencias.ulbra.br/index.php/mcipe/index/search/authors/view?firstName=Deivison&middleName=Moacir%20Cezar%20de&lastName=Campos&affiliation=Universidade%20Luterana%20do%20Brasil&country=BR>. Acesso em 10 jun.2017.
- CASTINIANO, José P. **Referenciais da Filosofia Africana: em busca da intersubjetivação**. Maputo: Editora Ndjira, 2010.
- GILROY, Paul. **Entrecampos**. Nações, culturas e o fascínio da raça. São Paulo> Anablumme, 2007.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Fortaleza: LCR, 2004. Disponível em
- TOURINHO, Pedro. 2013. **Que bloco é esse?** Disponível em <http://www.pedrotourinho.me/que-bloco-e-esse-parte-1/> Acesso em 10 jun.2017.



Corpo como lugar de aprendizagem pela experiência.



Pedagogia do pertencimento